TL3372 1

Senhor Presidente. Minhas senhoras e meus senhores

A minha presença perante esta respeitada assembleia, representa mais um esforço como timorense, de romper a barreira do silêncio sobre o drama que se viv em Timor-Leste ao longo de 14 anos. Perante esta assembleia que tem o mandato e confiança dos povos de pugnar pela vigência da justiça e dos direitos fundamen do homem no mundo, quero fazer eco da luta e da dor do povo de Timor-Le falando de factos, uns a mim relatados e outros pessoalmente observados - vividos.

Começo por referir as experiências por mim vividas desde a ocupação indonésia até a data em que deixei Timor-Leste, ~~em 24 de Abril passado~~.

Três semanas após a invasão indonesia, fui convocado pelos serviços de saúde militares a prestar serviço na secção de radiologia do Hospital Civil de Dili então ocupado pelos militares, até Novembro de 1976. Os doentes civis timo renses foram transferidos e amontoados em quartos que fora um Centro Clín Durante esse período fui três vezes chamado a inquéritos sempre acompanha de espancamentos e, ao terceiro inquérito, fui torturado com choques eléctri por um médico do batalhão das boinas vermelhas sediado na moradia do João Babo em Colmera. No dia 8-11-1976, fui preso por um capitão de nome Tari levado para o comando da Polícia Militar e dali para a Cadeia da Comar onde fiquei até 18-4-1979, matriculado com o número A-013.

Não quero alongar-me a descrever os horrores que presenciei que ultr passam de longe tudo o que se possa falar sobre violações dos direitos do homem. No que me toca pessoalmente, fui inquirido e espancado durante dias por um tenente da Polícia Militar de nome Turwan no edifício de San Tai Hoo, a ponto de, após cada sessão de espancamento, ser difícil tirar roupa do corpo, inchado como estava. Presenciando outros companheiros q eram interrogados na mesma altura ao longo de um corredor, assistia a métodos de tortura quer físicas quer morais cada um mais requintado que outro em

crueldade e sadismo e, no inferralo que nos concediam para tomar um pouco d
água e arroz, cada militar orgulhava-se de teraplicado um processo origina
recebendo elogio do comandante ~~deste~~ que registara o novo método num caderno p
futuras aplicações.

Após ter saido da prisão da Comarca, fui indigitado para Chefe de Secreta
dos Serviços de Saúde até ~~Julho~~ Junho de 1980 quando, na sequência das prisões feitas p
caso "1o de Junho" novamente fui preso no edifício do "MESS Korem" durante 4
dias sem nenhum procedimento judicial, como todos os outros. Depois de 20 dia
sem nenhum inquirito, uma noite fui espancado por um capitão chamado Zam
por este ter descoberto num livro publicado por uma jornalista australiana a
minha fotografia no dia da proclamação da independência feita pela Fretilin.
Presenciei ao sistemático atropelo e desrespeito pelos valores mais elevantares
homem com práticas mais selvaticas e baixezas mais inconcebiveis. Limito-m
a referir a um caso que, dado ao sadismo e á satisfação revelados pelos que
praticaram, ficou para sempre gravado na mente como simbolo de degradac
do homem e insulto a humanidade dos tempos de hoje. Dois prisioneiros com c
de 60 anos de idade, foram introduzidos completamente despidos num tanque cr
água até o pescoço, suportando cada um na cabeça uma roda de camião e obrig
á pancada a repetir "Eu sou da Fretilin". De quando em quando eram afundados
água por um militar, ficando quase sufocados. Após essa sessão, foram obrigad
a praticar mutuamente ~~mutuamente~~ o coito oral para gáudio e hilariedade dos militares. Se
guiram-se depois momentos de espancamento e choques electricos. Um deles, na
resistindo aos maus tratos e particularmente pelo arriltamento a que foi subm
faleceu nessa mesma noite. Causa da morte, colapso cardiaco, lamentou-se o c
mandante a quem como a todos os indonésios éramos obrigados a tratá-lo pro
"Bapak", isto é, PAI.

Com esta 2ª prisão e dada a minha renitência em manter a nacionalida
portuguesa fui demitido do serviço público, passando a trabalhar numa emp
privada a "Central Motor" e posteriormente como professor e na secretaria do

Externato de S. José, uma escola da Diocese de Dili sempre rigiada, onde se mantinh
o ensino da Língua e do sistema de ensino português a par do sistema oficial ino
nésio até a minha saida em 24 de Abril deste ano para Portugal onde cheguei a 26
através das diligências da C. V. I. onde me inscrevi desde 1979.

Senhor Presidente, Minhas Senhoras e Meus Senhores

Dada a localização dos factos acabados de relatar se situarem num periodo ja
bastante distanciado, pode levar a crer que as liberdades fundamentais tenham
sido já restauradas e plenamente asseguradas, como insistentemente os ocupant
propagam e muitos ingenuamente acreditam e alguns criminosamente colaboram,
silenciando factos, abafando gritos de protesto e dor e apoiam a ocupação.

Para testemunhar as continuas e sistemáticas violações ainda vigentes em Timo
-Leste, permitam-me relatar alguns factos ocorridos recentemente.

1 - Refiro ao relato de um dos presos da vaga de prisões efectuadas em Di
nos meses de Outubro e Novembro de 1988. Torna-se até maçador falar em espancament
e torturas com que logo são acolhidos os presos capturados sem nenhuma formalid
legal. Esses mesmos tratamentos os acompanham ao longo dos inquéritos em que o
preso é forçado a admitir tudo o que lhe é imputado e finalmente assinar as suas de
clarações. E para estarem em paz com a lei e as próprias consciencias, as autoridad
completam a farsa do julgamento aplicando-lhes um artigo ou artigos do Código
Penal indonésio, incidindo no terrorismo e subversão. Só quero frisar aqui, segund
a referida testemunha, o facto de encurralarem 2 a 3 individuos em jaulas de ferro
onde mal cabe um animal feroz, com latas contendo as próprias dejecções.

2 - A abertura prometida e largamente divulgada em Janeiro de 1989 não pass
de mais uma farsa para ludibriar a opinião internacional, uma vez que as restriçõ
de circulação continuam a vigorar até a data da minha saida. Em janeiro, individuos
que se deslocaram a Manatuto foram interceptados em Metinaro por não possuirem
a guia de trânsito "Surat jalan" e em principios de Abril, um grupo de funcionário

dos Serviços de Educação foram impedidos de seguirem para Baucau, regressando a Dili depois de uma castigo de flexões, incluindo uma senhora. A abertura só veio favorecer um afluxo indiscriminado de indonésios com vista a uma sofocação do povo timorense. Verifica-se nessa afluência também grupos organizados de prostitutas como o caso do "Rumah makan Gumarang" em Audian - Dili.

3 – A onda de repressão não poupa o sector da Igreja. Para exemplo o inquérito a um padre em Dili sobre a sua homilia dominical em português e outro padre em Maliana, obrigado a comparecer perante as autoridades militares do distrito por sua homilia no Natal de 1988, em indonésio. O facto mereceu um protesto oficial do Bispo e todo o clero. Igualmente as associações católicas são alvo de repressão e controle, nomeadamente o Corpo de Escuteiros Católicos em que eu próprio fui um dos dirigentes. Contrariado associação política, fui proibido de usar os símbolos e os estandartes e na sagração do Mgr. Carlos X. Belo em 19-6-1988 um oficial da "intel" arrancou os emblemas das fardas de alguns escutas durante a cerimónia religiosa. Eu próprio fui reprendido pelo agente da "intel" em Ermera por não lhe ter informado quando acompanhamos o Núncio Apostólico Mgr. Canalini àquela localidade em 22-6-88. Segundo confessou um individuo preso em Outubro de 88, alguns presos, antes de soltos, foram indicados para espionarem os companheiros de trabalho. Ele próprio recebeu a missão de espiar as actividades dos padres da paróquia de Motael e dos escuteiros Católicos, com risco de voltar para a prisão caso nada relatar.

4 – Além desses casos, o ambiente geral é de permanente tensão e sobressaltos. O controle do Bilhete de Identidade "KTP" é periodicamente feito nas ruas por soldados armados. As rusgas ao domicílio, muitas vezes feitas à noite por ondas sucessivas de militares, torna a cidade numa permanente estado de sítio. A partir de Março último são afixados em todos os bairros de Dili tabuletas, ordenando a apresentação às autoridades militares do bairro quem do outro sítio permanecesse nela por mais de 24 h. Para completar a imagem de repressão, desde a saída da minha 1ª prisão e posteriormente após a 2ª, era obrigado a apresentar-me regularmente ao comando militar de Dili - Timur em prazos determinados de uma semana a um dia e meio. O

(I) → Estas medidas tornaram-se mais intensas em consequencia dos panfletos postos a circular em Dili, chamando a atenção do povo para a visita considerada ainda inoportuna do papa e dos escritos nas paredes do estádio de Dili apoiando a resistência, em Abril último.

prazo tanto podia ser mais prolongado como repentinamente ser reduzido consoante o clima de insegurança observado em Dili. Fazia parte dum grupo de cerca de 200 pe além de outros grupos em dias e comandos diferentes. Esses grupos eram compostos por pessoas de diferentes camadas sociais e profissões, desde funcionários públicos a can promotores e vendedores ambulantes e até velhos e mulheres. Uma mulher do meu grup que deu à luz, teve que se representar por um filho de 12 anos.

Respeitados ouvintes

5 - Dado à escassez do tempo vou terminar. No entanto não quero fazê-lo s antes fazer chegar até vós os gritos sufocados e muito tímidos que chegam dos isolad e esquecidos vilarejos de Timor-Leste e, dado que isolados, mais férteis em actos de desrespeito e aviltamento do homem nos seus valores mais elementares. De en muitos, cito apenas um que foi relatado em toda a sua nudez por uma testemunha ocular e posteriormente confirmado por um membro do governo local. Um caso adultério foi apresentado às autoridades tradicionais duma comunidade. Esta convocaram uma reunião com todos os anciãos para se decidir das medidas a to segundo os usos e costumes da região. O comando do Koramil que entretanto ap receu logo inquiriu o motivo do ajuntamento incriminando imediatamente os presentes de conspiração. Esclarecido o caso, o mesmo ordenou que lerassem o Koramil o casal em adultério. Ali, convocada a população e depois de dupla obrigou os dois a praticar o coito. Dois militares do "Nanggalas" depois de certi ficar de que o acto se estava a realizar, puseram-se em cima do homem calçe com os pés. Minhas senhoras e meus senhores, não possuo coragem suficiente para na na íntegra este caso. Não é minha intenção torturar a vossa sensibilidade de homens nem quero ignorar a vossa dignidade de homens civilizados. É a realidad Aconteceu na povoação de Ue-Laluho do posto de Fatuberliu, Concelho de Sam em Janeiro de 1989.

Senhor Presidente, ilustres membros desta comissão dos Direitos Humanos

Eis o que, em traços rapidos, conforme me permite o tempo, me parece dever meu proclamar neste assembleia. Suplico-vos que, em nome da justiça e dos princípios que orientam esta Comissão e da rectidão de espirito que motivou a vossa participação tornando-vos independentes de interesses de governos, de regimes politicos e orientações ideológicas, tomem em consideração esta repressão generalizada tendencias a prolongar-se e a perpetuar em Timor-Leste em doloroso 14 anos. A vossa ~~repudio e condenação~~ condenação e repudio serão os meios que esperamos para nos erguer da baixeza a que ~~estamos reduzidos~~ pretendem reduzir-nos. A vossa indiferença ou o vosso silêncio contribuem para uma exterminação física, cultural e moral de um pequeno povo que se tem a ousadia de exigir para si o que lhe cabe por direito – a sua Liberdade e Independencia.

Senhor Presidente, Minhas Senhoras e meus senhores, muito agradeço a oportunidade que me concederam e a atenção com que me escutaram.